

Diretas já + parlamentarismo = golpe

Gilberto de Mello Kujawski

A toda hora se diz que a política "é a arte do possível".

Caberia dizer que é também a arte do provável. O raciocínio probabilista é o único adequado à fluidez da matéria política. Esta repele toda certeza absoluta e definitiva. O presidencialismo, que é bom para os Estados Unidos, pode não ser tão bom para outros países. Diga-se outro tanto do parlamentarismo. Em matemática, 2 e 2 são sempre 4. Em política, 2 e 2 podem dar 22.

A causa principal do derrotismo econômico que avassala o País reside no seguinte raciocínio comodista: vamos esperar que o governo defina os seus rumos, para começar a trabalhar, a investir de verdade, a produzir de fato. Pois este raciocínio, tomado como absoluto, é falso. Porque ocorre que em política, a recíproca pode ser sempre verdadeira: se os empresários investissem sem esperar indefinidamente que o governo colocasse ordem na casa, o resultado seria que o governo definiria mais depressa os seus rumos. Anzoff, o técnico em administração de empresas, internacionalmente reputado, que passou recentemente pelo Brasil, criticou a tendência de o empresariado brasileiro depender em tudo e por tudo das decisões de Brasília. O governo tornou-se entre nós a versão laica da Providência divina. Tudo o que recebemos de bom, direta ou indiretamente, proviria do governo. Igualmente, tudo o que ocorre de mau e danoso. Se chove demais, a culpa é do governo. Se não chove, o governo é ladrão.

Feita a ressalva, colocamos a fórmula *diretas já + parlamentarismo = golpe*. Com efeito, "diretas já" e "parlamentarismo" são dois entusiasmos dificilmente conciliáveis, que se repelem um ao outro. Que sentido tem convocar-se o povo para as "diretas já", varrendo o território nacional de entusiasmo cívico pela eleição de um presidente, para que, depois de empossado, ouvindo ainda o clamor de 30 milhões de votos, seja relegado a figurante secundário na ordem política? Por outro lado, se quisermos um parlamentarismo a sério, para que tamanho estrépito na eleição do presidente da República, coitado, transformado em "rainho" da Inglaterra? Diretas já? Tudo bem, mas com presidencialismo. Parlamentarismo? Tudo bem, mas sem ligar tanto para as diretas já.

Ou será que essa proposta de parlamentarismo é para inglês ver? O próprio entusiasmo dos candidatos à Presidência da República é algo suspeito, não constando que algum dos prováveis postulantes tenha vocação para segundo figurante.

Quem são mesmo os prováveis candidatos à Presidência da República nas próximas eleições?

Por que razão haveremos de citar, em primeiro lugar, o nome do sr. Leonel de Moura Brizola?

Não será por simpatia pessoal, visto que o consideramos, de longe e há muito tempo, o homem politicamente mais perigoso do Brasil. Seu nome vem à mente em primeiro lugar porque é o que parece ter mais chance na disputa eleitoral. Por quê? Porque nenhum militante da política o supera na arte de explorar o descontentamento generalizado de todas as classes com a Nova República. Dêem-lhe todos os dias meia hora na TV e verão o resultado. É verdade que a eleição se passará em dois turnos. Menos mal. Mas imaginemos Brizola presidente. Julgar que ele vai respeitar o parlamentarismo seria o mesmo que confiar num sátiro para velar as noites de uma donzela.

Há outros prováveis candidatos. Imaginemos que a vitória sorria ao sr. Mário Covas, conhecido pelo seu espírito centralizador e absorvente, incapaz de permanecer na sombra por cinco minutos. O mesmo se diga do sr. Orestes Quércia, o qual, com sua obstinação de prognata e luvas de arminho, vem nocauteando quem ele quer no ringue dos pesos pesados. Nenhum dos dois vai-se conformar com o papel de coadjuvante do primeiro-ministro. E ambos contarão com boa justificativa: a votação popular maciça que receberão. Ocorre que o sistema de governo parlamentarista terá "salvaguarda". Significa que por cinco anos nem o presidente da República nem o Congresso Nacional terão o direito de apresentar emenda alterando o sistema. Este só será modificado pela força, quer dizer, por um golpe contra o parlamentarismo.

Podemos pensar em outros nomes, por exemplo, no sempre lembrado sr. Antônio Ermírio de Moraes. Não resta dúvida de que é um excelente nome para presidente no sistema presidencialista. O sr. Antônio Ermírio não é autoritário, pelo contrário, tem gosto e vocação pela democracia. Mas ele dá o devido valor à autoridade. Sabe e gosta de mandar, ainda que sempre dentro do direito. Como irá tolerar um primeiro-ministro a fazer e a desfazer? Também não iria compactuar com nenhum golpe contra a autoridade constituída, se eleito.

Outra incoerência: se a finalidade das diretas já é afastar Sarney, e se está resolvido que, a partir de março de 1988, o homem forte será o primeiro-ministro, passando Sarney a segundo plano, para que tanto aqodamento nas diretas? Por que estas não ficam para 89?

Vê-se como é sinuoso o raciocínio político. E, no entanto, segundo Maquiavel, não basta ser raposa. O titã da política tem que ser misto de raposa e leão. Raposas temos muitas, nenhuma cruzada com leão.

Gilberto de Mello Kujawski é escritor e ensaísta